

A fronteira pós-colonial:

**Focalizando a domesticação
do pastoralismo *andino***

**Avanços para uma
Geografia Pós-colonial de Bolívia**

(Resumo)

Burkhard Schwarz

Tübingen - 2004

Este estudo constitui uma tentativa holística para remover as partículas dos olhos dos “outros” - inclusive da visão dos cientistas sociais e especialmente dos geógrafos sociais - e contribuir para uma perspectiva diferente da geografia social, política e cultural que já não exclui o potencial interpretativo de uma aproximação qualitativa em temas ligados à etnogeografia. Tem como objetivo fazer os membros das sociedades pastorais dos *Andes* Centrais (Sulistas) mais visíveis e compreensíveis como atores criativos no contexto regional da vida cotidiana. A pesquisa focalizou na indexicalidade territorial das complexas dialéticas pós-coloniais das articulações tanto hegemônicas estratégicas quanto contra-hegemônicas táticas (segundo de Certeau). Uma “geografia pós-colonial” deste tipo requer, por um lado, de um conceito de interação suficientemente sensível para tratar as diferenças produzidas pelos processos de “estruturação” (Giddens) e, por outro lado, de uma dinâmica aproximação cultural suficientemente sensível para controlar a “différance” (Derrida) produzida por contrastivas orientações dos sistemas de relevância “(inter)textuais” no lado de ambos: tanto dos (pós)-colonizadores quanto dos (pós)-colonizados.

Isto é uma aproximação geográfica-cultural que leva em conta conceitos de “memorização social”, “etnicidade” e “ambigüidade”/“hibridade” (segundo autores como Comaroff, Bhabha e Young) e tenta manter uma distância crítica para concepções reificativas de (tempo-)“espaço” (segundo autores como Said, Fabian e Hard). Por conseguinte, sugere uma definição aberta do “campo” e não só considera como tal os pastores, mas também esses que estudam os pastores: os pastorólogos. Durante o trabalho inicial de “campo” no *Altiplano do Norte* tornou-se notável que especialmente os geógrafos não levam em conta seriamente os fenômenos de pastoralismo *andino*. Esta foi uma das razões pelas quais o foco desta pesquisa mudou para o *Altiplano Central* e, mais especificamente, para as *markas/ayllus* pastorais *aymara*-falantes de *Carangas/Karankas* (*Oruro/Bolivia*), onde os praticantes do pastoralismo ainda são muito ativos e os fenômenos de pastoralismo oferecem uma oportunidade excelente para perfilá-los.

Um dos achados desta tese é o condicionamento da pesquisa de “campo” pela presença da “fronteira pós-colonial” - vale dizer, pela ordem de dominação e as contradições estruturais vigentes. Este estudo notou que (não) há nenhuma, ou só uma extremamente limitada possibilidade para escapar cientificamente da situação de hegemonia atual, que é produzida por um colonialismo pós-colonial muito profundamente arraigado o qual condiciona a reprodução local tanto das interações quanto dos textos.

A primeira parte (parte A) desta pesquisa apresenta uma perspectiva heterodoxa da construção dos “*Andes*” pelos “outros” que, esperançosamente, pode levar a uma compreensão mais ampla de fenômenos “regionais”/“territoriais” de “outrização” (“Othering” segundo Said) - ou seja, de produzir alteridades/“outredades” - e questionar as bases de categorização das definições anteriores dos “*andinos*” como “índios” e de sua definição recente como “*campesinos*” (camponeses). É uma tentativa para descentralizar a perspectiva hegemônica e de-descentralizar a dos “*caranguenos*” (caranguinhos) - contrastando as visões dos pastores e dos não-pastores e desafiando os complexos “epistêmicos” anti-pastorais ocidentais (segundo Foucault). Esta parte também focaliza os modos “textuais” de “andinização dos *andinos*” que induziram formas eurocêntricas persistentes de “agriculturalizar o pastoril” - vale dizer, de fazer dissipar o pastoralismo e as “constelações de recursos pastorais” através do modo de sua explicação, isto é: por meio de filtrá-los via percepções externas dos sistemas *andinos* de complementaridade/reciprocidade, partindo de uma visão agrocêntrica ocidental da “transumância” e dos “camélidos”. Ao invés, esta tese sugere enfatizar temas de pesquisa alternativos como a complexidade histórica das “compensações pastorais” (“alocativos” e

“autoritativos”) e as táticas *aymaras* de longo prazo tipicamente articuladas no coração dos sistemas de produção pastoril da *puna*. A visão dos pastores - aqui: dos “*caranguenños*” - é analisada detalhadamente nas outras partes do estudo (partes B e C).

Esta operação deconstrutivista desenvolveu e definiu terminologias com o objetivo de mais adequada- e claramente focalizar os temas discutidos e analisados. É uma tentativa para mostrar as afinidades culturais/ideológicas em termos de contradições estruturais entre o nível social e científico de integração de sistema (segundo Giddens) e as diferenças entre a visão dos cientistas sociais gerais e a dos geógrafos sociais especiais e seu enraizamento ideológico respectivo. O estudo demonstra que até mesmo as ciências sociais “regionais” extra-disciplinares ainda estão longe de descolonizar-se eficazmente e que a geografia canaliza técnicas radicalizadas de “outrização” - ou seja, de construção do “outro” - que não só são condicionadas em geral por uma “sugestão geográfica” essencializadora/reificadora, mas também por uma congruência geográfica particular com a “parcialidade elitista” e a “parcialidade de pesquisa” (Webster). O estudo se dirige à esta fusão da “parcialidade geopolítica” com a “parcialidade geo-ideológica” como também as políticas disciplina(tó)rias geográficas especiais que são “geo-poder” (O Tuathail). A geografia social/cultural alemã, infelizmente, ignora a qualidade de “etnicidade” e de “pastoralismo” nos *Andes* Centrais (Sulistas) (em termos de recentes avanços teóricos das ciências sociais gerais). Além disso, ativamente participa em uma reprodução não-reflexiva de rótulos étnicos.

A tese demonstra as tendências parciais e desfigurantes em (as retóricas sobre) os *Andes* Centrais (Sulistas)/a *puna*/o *Altiplano*. Isto é uma “região”/um “território” sujeitada/o à diversos níveis discursivos - as suposições da deterioração ecológica do *Altiplano* e a “tragédia do comum” (Hardin) na *puna*; as sugestões que recorrem à “etnicidade” e “pastoralismo” no contexto de *Karankas*; as reformas agrárias anti-pastorais nos estados *andinos* centrais e as “Orient”-ações contra-pastorais das políticas recentes de desenvolvimento na Bolívia; as políticas discriminatórias tanto de classificação de “camélidos” quanto de criação de lhamas e a estrutura étnica persistente da “distinção” (Bourdieu) relativo ao consumo da carne.

A metodologia aplicada neste estudo transcende as analogias entre as formações discursivas sociais e científicas dominantes. Identifica a “fronteira étnica” ou “fronteira pós-colonial”, neste nível de análise, como uma “fronteira pastoril” - vale dizer, como uma forma específica de concretização das conseqüências de fenômenos de colonização/pós-colonização muito profundamente arraigados. Ao focalizar a ativa participação (discursiva) dos geógrafos em recentes processos de colonização e práticas pós-colonizadoras o estudo enfatiza as paralelas estruturais historicamente construídas entre “comunidades imaginadas” (Anderson) e “geografias imaginativas” (Gregory) e as analogias conceituais entre a “geografia colonial” e a “geografia de desenvolvimento” alemã. Celebra-se que esta última promove uma tendência de continuidade e de substituição superficial da terminologia categórica colonial. Tais características pós-coloniais também infringem as demarcações supostas entre aproximações formalmente diferentes. Além disso, a tese constata que isto é facilitado por um tipo de corrente profunda de caráter “alocronista” (Fabian) a qual, da maneira de “re-apresentar” e fazer “re-apresentável” os pastores *aymaras*, até mesmo mantém uma semelhança à textos semi-geográficos formulados durante o período colonial cedo. Este discurso de “civilização” “epistêmico” geográfico aqui é rotulado “aloeísmo” ou “aloespaçonismo”. A pesquisa realça também que os “conceitos” geográficos recentes de “fronteira” são formas reprodutivas de “pré-conceitos” ideologicamente influenciados e firmemente arraigados em conotações (e sonhos) antigas/os de “espaço de vida” (“*Lebensraum*”), conquista e colonização. Portanto, eles mantêm

inclinações estereotipizantes e ignoram a complexidade social e cultural associada com fenômenos de “fronteira” - vale dizer, com as dialéticas relações “inter-culturais”/“inter-textuais” entre narrativas hegemônicas e memorizações sociais contra-hegemônicas transcendidas por autores como Taussig, Comaroff, Comaroff/Comaroff e Abercrombie.

Este estudo, conscientemente, não só tem infringido, mas violou a “fronteira disciplinária” entre a geografia social/cultural e as ciências sociais/culturais em uma tentativa de provar os níveis persistentes de paralelismo entre, por um lado, “Orientalismo” e “Andinismo” e, no outro, geografia “orientalista” e “andinista”/“latino-americanista” em termos de premissas conceituais inerentes. A pesquisa analisa - em um tipo de perspectiva genealógica - as contribuições retóricas à formação/construção discursiva dos “*Andes*” feito por geógrafos como Hettner e Troll. Também desembaraça algumas sucessões de “rastros” re-inscritos nos “textos” “andinistas” “geográficos” produzidos por cientistas alemães posteriormente, identificando “lugares” da amnésia acadêmica e “localizando” “locais” do esquecimento científico como tendências - institucionalmente organizadas - de distorção “epistêmica”. Isto é designado aqui com rótulos como “episteme de pastoralismo de Berlim”, “episteme de Orientalismo de Erlangen” e “episteme de los *Andes* Centrais (Sulistas) de Aachen” ou “episteme de Bolívia de Aachen”. Os geógrafos alemães, que focalizam o “Oriente”, criticam a crítica ao “Orientalismo” e não contestam claramente ao próprio “Orientalismo”. Ao mesmo tempo, o debate desses geógrafos que focalizam nos “*Andes*” ou na “América Latina” sobre fenômenos como “Andinismo” e “Latinoamericanismo” tão longe foi completamente evitado. Estas facetas de um reducionismo “regional”/“regionalizador” demonstram a exclusão da problematização da “violência ontológica” (Derrida) na recente produção acadêmica da geografia política e cultural alemã. Além disso, ainda são discutidos conceitos como “hibridade” em isolamento disciplina(tó)rio e “territorial”; e há uma tendência geral para negar as noções étnicas/ideológicas da “hibridade”.

Ao estabelecer algumas percepções heterodoxas da visão dos “*caranguños*” como um ponto potencial de partida para opções de pesquisa alternativas adicionais, este estudo postula que há uma necessidade emergente para pôr em dúvida a recepção, por parte dos geógrafos sociais/culturais, de conceitos como “cultura”, “região”, “território”, “fronteira”, “espaço de vida” (“*Lebensraum*”), “nomadismo”, “pastoralismo”, “*Altiplano*”, “*Andes*”/“Andinismo”, “Latinoamericanismo”, “Oriente”/“Orientalismo”, “desenvolvimento”, “integração”, “modernidade”, “pós-modernidade”, “hibridade”, “etnicidade”, “territorialidade”, “colonialismo”, “pós-colonialismo”. Ao mesmo tempo, apresenta uma perspectiva teórica diferente (a ser) sistematicamente desembaraçada das “sugestões geográficas” unilateralmente forçadas. Isto poderia ser uma contribuição importante para um entender alternativo da teoria e prática de geografia tanto “moderna”/“colonial” quanto “pós-moderna”/“pós-colonial” em geral. Se pudessem ser feitas explícitas as dinâmicas e práticas criativas de “fronteira” dos “*comunarios*”-pastores *aymara*-falantes de *Karankas*, podia-se argumentar que articulações semelhantes provavelmente serão achadas em outros contextos indígenas e/ou pastorais. Isto pôde simplesmente não ter sido advertido por cientistas “orientalistas” como Wirth e Scholz e aqueles influenciados pelos paradigmas conceituais reducionistas deles. As ciências sociais “regionais” em geral, e a geografia social “regional” em particular, parecem ser fortemente condicionadas por uma visão pré-estabelecida e instrumentalizada associada com explícitas/implícitas projeções e desejos de intervenção. Em outras palavras, as mesmas parecem ser profundamente “epistemicamente”/“geo-ideologicamente” influenciadas. Correspondentemente, esta tese esboça que problemas essenciais relativos à postulações estandardizadas de “aplicabilidade” direta de pesquisa em contextos de “campo” pós-coloniais

foram extra-disciplinariamente suavizados e infra-disciplinariamente apenas percebidos. Isto também exhibe uma semelhança estrutural com as (multidimensionais) inter-relações anteriores extremamente problemáticas entre o conceito e a prática de “Lebensraum” que foram focalizadas recentemente por autores como Schultz e Rössler.

Por este meio, este estudo não só abre um “espaço” para uma etnogeografia “esquecida” (a ser) constituída além da herança geográfica colonial, mas também desafia suposições teóricas básicas de discursos geográficos convencionais sobre temas na moda como “desenvolvimento” e “sustentabilidade”, o qual inclui sua funcionalidade prática o que significa, inevitavelmente, seus inerentes traços intervencionistas.